REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:004

20 DE NOVEMBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Chronica Occidental

Se quem está bem não se muda, continuemos na mesma rhetorica. Dissemos na ultima chronica que lhe poderiamos pôr nome *temporaes;* pois a esta, com meia volta que deu o catavento, haveriamos de intitular *bonança.* Céo de outomno limpissimo, quer brilhando no azul lá de cima, quer sorrindo aos politicos de Portugal. Umas nuvemzitas de quando em quando. Houve até quem offerecesse capilés mornos aos quatro deputados por Lisboa, mas elles, que não tinham motivo para sahir do palanque, já se começaram remexendo. A proposito da reforma de contabilidade fallou o Dr. João de Menezes e muito elogiosamente o tratam os jornaes mais adversos á republica. Os creditos á casa real promettem nova borrasca.

Estamos no inverno e parece que a politica quer andar de acordo com o tempo. Seria para desejar, e de muito bom agoiro, que o dia 2 de janeiro, nova abertura do parlamento, amanhecesse radiante.

Muita gente, que andou em digressão pelas praias e thermas, já recolheu a Lisboa. Na noite em que a *Rajada* foi pela primeira vez representada no theatro D. Amelia, lá estava S. Magestade a Rainha no seu camarote, illuminando a sala com

Commandante sr. Pereira de Lima

VISITA DO COMMANDANTE E OFICIALIDADE DO CRUSADOR BRASILEIRO «BENJAMIN CONSTANT» AO TUMULO DE PEDRO ALVARES CABRAL, NA EGREJA DA GRAÇA, EM SANTAREM — 18 DE NOVEMBRO DE 1906.
(Cliché Benoliel)

sua formosura, e pelo balcão, pelos camarotes de primeira ordem, na platéa, muitos se viam dos que nunca em Lisboa viram as andorinhas, partindo quando ellas chegam, chegando quando ellas partem.

Falta apenas abrir S. Carlos para que estejam funccionando todos os theatros de Lisboa. Já os jornaes publicaram o elenco; mas a grande noite será a da primeira recita da opera de João Arroyo, *O Amor de Perdição*.

Já em D. Maria tivemos esta epoca o primeiro original: *As bodas de Lia*, de Pedro Rodrigues, ha pouco chegado de Coimbra, onde se formou em direito. Mas já não era seu nome o d'um desconhecido. Poeta dos de maior nomeada na geração moderna, já vira muito applaudida no theatro D. Amelia uma sua peça, um actosinho, quando foi do concurso do *Dia*. Outra vez, agora, se apresentou, sem pretenções, como quem apenas procura dar á gente uns momentos agradaveis de poema finissimo. E o publico acolheu-o com o maior applauso e a mais viva e merecida sympathia. Versos encantadores!

Lindo espectaculo foi o d'essa noite que mais duas peças em verso completaram: *A Ceia dos Cardeaes*, triumpho de Julio Dantas nunca afrouxando e a *Mantilha de renda*, de Fernando Caldeira, em que Anna Pereira reappareceu ao publico que sempre tanto a estimou.

E uma saudade por certo deveria ter vindo apertar o coração de muitos, com a recordação de Virginia, retirada de scena desde ha mezes, mais pensando agora no netinho do que na arte, e a lembrança da alegre Rosa Damasceno que descança entre os gemidos dos ciprestes.

Tambem lá está Fernando Caldeira, que, de luva *gris-perle* sempre, por tantos annos foi dos mais activos dramaturgos portuguezes. Estreiou-se com o *Sapatinho de setim*, em 1876, no velho theatro das Variedades, onde então representavam Lucinda Simões, com seu marido Furtado Coelho e João Rosa. Um anno depois, representava-se em D Maria a *Varina*, que foi um dos melhores exitos da empreza Biester e Brazão. Foi a *Madrugada* a sua ultima peça. Confuso ás vezes nos enredos, a ponto de nem os proprios interpretes o saberem explicar a quem lh'o perguntava para satisfazer umas duvidas, eram tão finos e delicados os certos promenores, tão lindos os versos, que era encanto ouvir a comedia. A scena entre os dois velhos com que abre a *Madrugada*, é deveras um primor.

Não tenho presente o prologo com cujo pedido me quiz honrar o editor das *Mocidades*, livro de versos em que tudo nos revela a alma gentil do poeta. Mas escrevi-o com todo o coração que era Ferdando Caldeira d'aquelles que, sem exaggero, tinha em cada conhecido um amigo. A phrase é banal, mas muito verdadeira quando ao Fernando a applicamos.

Outro original, *Noites de Odivellas* se estreiou com exito no theatro da Avenida, obra do sr. Rafael Ferreira, cujas aptidões já foram em mais peças reveladas, e musica do maestro Julio Neuparth, um dos nossos mais distinctos professores. Gabam as criticas publicadas o interesse do assumpto muito portuguez, e a graça e vivacidade dos differentes numeros musicaes.

Mas parece que mais uma vez foi o theatro D. Amelia que com chave de oiro acordou o interesse este anno para coisas theatraes. A peça representada, *A Rajada*, de Bernstein, é talvez a obra prima do theatro moderno francez. Estava o seu desempenho a cargo de Lucilia Simões e Augusto Rosa e as scenas principaes do drama tiveram pelos dois artistas um primoroso desempenho. Auxiliaram-nos para a perfeição do conjuncto Alexandre d'Azevedo, um novo de muitissimo valor, e Henrique Alves, n'um papel antipathico, cujas difficuldades de execução foram com muito talento resolvidas.

E, visto que falamos de coisas d'arte, ainda n'estas nos demoremos um instante. Já não é de theatro que vamos falar. Quem nos diz que todas as peças que havemos este anno de ouvir, terão a suprema delicadeza, o primor de forma, o sentimento artistico d'um d'esses sonetos que as *Novidades* publicaram um dia d'estes, e de cuja auctora, D. Maria de Carvalho, a *Mala da Europa* nos deu algumas muito pequeninas informações? Vive na provincia a poetiza, no campo talvez, fora de todo o convivio litterario. Sinto não ter presentes os versos, que os transcreveria aqui, mas dei-os a discipulas minhas do Conservatorio, para que os aprendessem e recitassem. Não são tão numerosas no mundo as poetizas d'este quilate, que não seja obrigação nossa saudar a estrella que desponta.

Seria mais uma gloria para a nossa terra, que tantas glorias agora rememorou, por occasião da estada entre nós do *Benjamim Constant*, cruzador da esquadra brasileira. Caso digno de nota é este, que sempre o Brazil, e seus progressos e a grande importancia que tomou na politica do mundo, accrescem — e com razão de ser valha a verdade — os nossos brios patrioticos. Assim o vimos mais uma vez agora, por onde foi a officialidade brasileira bem recebida, e especialmente no banquete da Liga Naval, e em Santarem, no acto commovedor da collocação da corôa sobre o tumulo de Pedro Alvares Cabral. E a razão disse-a um dia o grande orador Antonio Candido: «se foi a India a maior gloria de Portugal, foi o Brazil sua maior honra».

Dias lindos favoreceram a tripulação do couraçado brazileiro. Ostentou Lisboa as melhores galas do seu lindo outomno. Á vontade puderam marujos e officiaes percorrer a cidade inteira, admirar seus monumentos e surprehendentes pontos de vista. Nem quatro pingos d'agua assustadores deu a annunciada trovoada da *grève* do pessoal dos carros electricos. Annunciavam-a para domingo ás dez horas da noite, hora em que todos os carros, dizia-se, haviam de parar, estivessem onde estivessem, sendo abandonados pelo pessoal, todos a um tempo. Boatos correram muitos, todos mais ou menos absurdos. Sabia-se, porém, que a Companhia havia tomado suas precauções para que o transito publico não soffresse interrupção de maior impertancia, tendo pessoal disponivel para substituir immediatamente os grèvistas.

Lisboa sem electricos recahiria na tristeza de ha quarenta annos, quando o grande carrão, só de trez quartos em trez quartos de hora, partia do Pelourinho para chocalhar lentamente os passageiros até ao Largo de Belem. Os americanos, caminhando sobre estrellas, e com uma estrella maior no alto, tornaram-se indispensaveis. Foi o que a civilisação ainda nos trouxe de melhor até hoje.

Não houve *grève*, não a haverá talvez, e tanto melhor, imagino que para todos.

O caso seria falado, e as mais tempestuosas sessões das camaras não obteriam da curiosidade lisboeta a mesma preferencia.

Já citámos n'esta chronica o nome do marquez de Soveral; citam-o telegrammas de Londres referindo-se ao banquete que lhe foi offerecido pela camara do commercio de Liverpool. O brinde do nosso ministro foi acolhido com ruidosa salva de palmas quando annunciou para breve a conclusão do tratado de commercio, cujas bases foram lançadas pelo conselheiro Villaça por occasião da visita dos reis de Portugal áquella cidade.

Deixou-nos o Marquez de Soveral decerto com muita saudade, porque a tudo prefere o sol excellente que nos aquece, o céu azul lindissimo que nos cobre.

E entretanto talvez de tanta riqueza natural nos venha a nossa preguiça e o atrazo da civilisação. Quem sabe? O frio e as brumas tornam mais necessario o trabalho, a lucta. D'ahi a superioridade dos homens do norte, mais energicos do que nós, mais inventivos... e tambem mais intrujões.

Que, a este respeito, já não nos podemos considerar tão atrazados como d'antes. O escriptorio em que os empregados pagavam fiança e em que o negocio era afinal as fianças dos empregados, merece ficar archivado, como digno de maior cidade. As artes de berliques e berloques vão por aqui tendo seus cultores.

João da Camara.

Uma néta de Camillo Castello Branco

Os versos que vão ler-se são de Flora Castello Branco, néta do genial escritor que creou o romance português e em português escreveu, desvendando todos os segredos e revelando todas as belesas da lingua classica.

Alma de poeta, seu espirito privilegiado não se apagou com elle, e antes parece reviver e reacender-se na progene, manifestando-se em sua néta que, como a flôr da campina sem outra cultura mais que o fresco orvalho da Aurora e os beijos quentes do Sol, nos encanta com sua simples e natural belesa, assim a pobre creança, sem outra instrução alem da rudimentar, nos enleva e commove com seus espontaneos e sentidos versos, em que sua alma chora naquella idade em que tantos só riem.

MINH'ALMA

Chora, alma, que no pranto
Da esp'rança medra a flor;
Tem coragem, sae ovante
D'esta mais que humana dor!...

Vejo além de amargos dias
Aurora santa raiar;
Espera, alma, não chores,
Que a ventura ha de tornar!...

Flora Castello Branco.

Visita do commandante e officialidade do crusador «Benjamin Constant» ao tumulo de Pedro Alvares Cabral

Desde alguns dias se acha no Tejo o crusador brasileiro *Benjamin Constant* que anda visitando varios portos da Europa, em viagem de instrução de guardas marinhas

Esta visita ao porto de Lisboa tem dado logar a varias demonstrações de reciproca amisade e simpatia entre estes dois povos irmãos.

Almoços a bordo, jantares na legação do Brasil e Liga Naval, entrega da corôa e da placa oferecidas pelas colonias brasileiras de Lisboa e do Porto, primorosa obra artistica do eminente escultor Teixeira Lopes, para serem colocadas no monumento funebre das victimas do *Aquidaban*; visita do sr. conselheiro contra-almirante Augusto Castilho, em agradecimento á que lhe haviam feito alguns oficiaes do *Benjamin Constant*, o que deu logar a ser recordado o grande serviço que o sr. Castilho prestou á marinha brasileira quando recolheu, sob a bandeira portuguêsa a bordo da *Mindello*, surta no Guanabara, os marinheiros brasileiros vencidos na revolta de Saldanha da Gama. Estas recordações, como que em familia, tocaram o coração de todos e uma ou outra lagrima deslisou pelas faces daquelles homens do mar, a quem a porcéla não commove, mas se rendem ao sentimento da gratidão, que em seu peito não se apaga.

Mais o provaram ainda quando, em piedosa romaria, foram a depôr uma corôa no tumulo que arrecada os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral, o descobridor da terra em que nasceram.

Alma de marinheiros, generosa e boa, grande como o mar por onde alongam suas vistas, não lhes consentiu o animo vir ao velho mundo, que lhe abriu as portas do seu ridente futuro, e não depôr sobre a pedra carcomida dos seculos, que resguarda as cinzas do que levou á sua terra querida a primeira luz da civilisação, uma lembrança significativa e respeitosa, testemunho da sua eterna gratidão.

Se o mundo espiritual não é uma quimera e sob a lousa fria do tumulo a pobre materia inerte não será indiferente ao que se lhe passa em volta, como as cinzas seculares do intemerato navegador português não estremeceriam estranhamente, ao aproximarem-se dellas aquelles filhos da terra que elle patenteou ao velho mundo e onde hoje floresce a civilisação que ali implantou.

Como lhes seria grato quebrar o repouso daquelle somno eternal, ouvindo palavras de tanto afêto que ali lhe foram dizer, que nunca haviam resoado sob as abobadas silenciosas do velho templo.

Eram palavras de marinheiros como elle o foi tambem; de homens que afrontam a tempestade como elle a afrontou; e que, bem medindo e aquilatando todo o valor que é preciso para triumfar do incommensuravel e revolto mar, ali vinham conscientes e respeitosos prestar sua expontanea homenagem ao glorioso marinheiro.

Isto devia ser.

Deixaime, porem, dizer que a festa que se fez em roda desta visita, tirou-lhe bastante poesia da que devia ter. O materialismo dos tempos briga muita vez com os sentimentos mais puros do coração humano, onde ainda se abriga um resto de crença como uma necessidade consoladora para o espirito que se debate na duvida. Se mais não ha que materia, ella vale tão pouco, que na terra se confunde e perde, memoria de si não resta.

Entretanto isto não satisfaz a alma humana, que a mais alguma coisa aspira, e a prova a cada hora se vê nesse trabalho incansavel para as coisas do espirito, que prevalece sobre a materia.

Levantam-se monumentos aos considerados benemeritos, evocam-se memorias do passado e ren-

dem-se homenagens ao que materialmente deixou de existir, e se tudo isto não é uma confissão de crença no que o materialismo pretende negar, não sabemos com que coérencia elle vem associar-se a estas manifestações, todas espirituaes, todas de consolo de alma, que se sente felis nos momentos em que vive no mundo ideal.

Quanto mais poetica, mais sentida, mais elevada não teria sido a homenagem prestada pela óficialidade do *Benjamin Constant* á memoria de Pedro Alvares Cabral, se nella não tivessem vindo intrometer-se muito despropositadamente os trombones e os bumbos de bandas e filarmonicas á guisa de arraial, com bando e foguetes; se se houvesse posto de parte todo o aparato óficial, as autoridades civis e militares, em ares de festa, intormetendo-se numa peregrinação de recolhida homenagem, ao tumulo d'um heroe da Historia. Não confundamos tudo nesta febre de festa que tudo ivade.

Deixae um bocadinho ao sentimento, á poesia. Respeitae os mortos, que não lhes apraz esses estrondos a perturbarem seu somno.

Não! Deixae que os vivos que se lhes acercam para os saudar, para lhes agradecer, para lhes render preito, o façam em seu coração recolhido, mansamente, respeitosamente, com todo o sentimento puro de alma que lhe inspirou aquella áção, com toda a sinceridade que seu coração lhes ditou, estranhos por aquelles momentos da vida, ás exterioridades mundanas, ruidosas, convencionaes, que nada tem de commum com estes átos e os perturbam na sua expressão mais bella.

Crêmos bem que os briosos óficiaes da marinha brasileira, que foram visitar o tumulo do descobridor do seu país, o estimariam ter feito menos ruidosamente, com seu espirito mais recolhido.

Todas as demonstrações festivas que encontraram no caminho da sua romaria, aliás justamente merecidas, foram intempestivas, improprias do áto que se praticava, da ideia piedosa e poetica que moveu o coração de aquelles homens do mar, que vivem não pouco da poesia quando no grande Oceano, onde só ha mar e ceu, muita vez nelle põe os olhos para evocar o nome de Deus, no meio da tormenta que os assalta.

CAETANO ALBERTO.

Projéto para o edificio da Sociedade Nacional de Bellas-Artes

Um grupo de socios da Sociedade Nacional de Bellas Artes, digna sucessora do Gremio Artisto, propôs-se levar a efeito, o que de ha muito era apenas uma aspiração dos artistas: ter um edificio proprio para a sua sociedade, onde se pudem-se realisar exposições de arte, abrir cursos de desenho, agurela, modelação etc, isto em salas adequadas, com condições de luz e de espaço suficientes.

A empresa não era facil, dados os limitados recursos da sociedade e dos artistas, n'este meio contrario ás artes, onde só por grande vocação ou grande amor da arte ha cultores a lutarem com a quasi indiferença dos governos, a qual se estende até ao geral do publico.

Tanta mais gloria cabe ao lutador pela perseverança e tenacidade na luta. Foi assim que os corpos gerentes da Sociedade Nacional de Bellas Artes, de que faz parte o grupo de artistas a que acima nos referimos, poude alcançar da Camara Municipal de Lisboa, sob proposta do sr. conselheiro Matheus dos Santos, a cedencia de um terreno na rua Barata Salgueiro com faces para a rua Castilho e Mousinho da Silveira.

A cedencia da Camara foi sancionada pelo então ministro do reino sr. Conselheiro Hintze Ribeiro.

Vencida esta primeira dificuldade, qual a de obter um terreno em Lisboa, num ponto central, onde mesmo pagando custa a alcançar, quanto mais de graça; restava elaborar o projéto do edificio e os fundos necessarios para a construção Do projéto se encarregou o distinto arquitéto, sr. Alvaro Machado, membro da direção da Sociedade; da construção encarregou-se o sr. Frederico Ribeiro, conceituado construtor civil, que muito generosamente ofereceu a sua coadjuvação auxiliando o louvavel emprehendimento. Outros artistas e socios prometeram a sua colaboração profissional na parte decorativa do edificio.

O arquitéto sr. Alvaro Machado, cuja inteligencia e átividade se manifesta em numerosos trabalhos, de alguns dos quaes o OCCIDENTE se tem já ocupado, não tardou em apresentar o projéto para o novo edificio, o qual temos o praser de reproduzir nestas paginas.

Teve o sr. Alvaro Machado que cingir o seu projéto ao espaço do terreno obtido assim como aos alicerces já lançados no mesmo para outra edificação que não se realisou, mas que convinha aproveitar, como economia importante, atentos os apertados recursos pecuniarios de que dispõe a Sociedade.

Posto isto o edificio é tão grandioso quanto o permite as condições expostas

O novo edificio para séde da Sociedade Nacional de Bellas Artes, divide-se em três partes. A primeira destinada á exposição; a segunda á séde da Sociedade; a terceira a séde, tambem, da Sociedade dos Architectos Portuguezes, que ali será instalada.

A primeira parte compõe-se do grande vestibulo, cuja entrada é pela rua Barata Salgueiro, vestibulo que estará sempre aberto e onde se fará uma exposição permanente de obras de arte antiga.

No seu eixo principal existe a porta de entrada para as salas da exposição, destinando-se a primeira e central para a escultura, tendo á direita as salas de pintura e á esquerda as de desenho a pastel, arquitetura e arte aplicada.

As salas das exposições são separadas por tabiques desmontaveis, com a altura de 3m e 20, para o caso de se darem concertos e ser necessario ficar um salão unico, cujas dimensões serão aproximadamente de 50m+15m.

Entre a sala de escultura e o vestibulo, está colocada a escada que dá ingresso a uma galeria de descanço e desta se passa ao bufete.

A segunda parte do edificio, como ficou dito, é destinada á séde da Sociedade Nacional de Bellas Artes. Tem a entrada á direita do vestibulo, e no rés-do-chão, uma sala de visitas, secretaria e gabinete da direção. No primeiro andar: sala de bilhar, gabinete de jógos, gabinete do continuo, uma galeria para jornaes, bibliotéca, gabinete do bibliotecario.

As aulas de desenho, aguarela, modelação etc, deverão funcionar nas salas das exposições. O edificio tem ainda outras dependencias destinadas a arrecadações.

A parte destinada á Sociedade dos Architectos Portuguezes, consta de uma sala de biblioteca, um gabinete do bibliotecario e um gabinete de estudo.

A sociedade requereu ao governo para a isentar dos direitos de transmissão do terreno cedido pela Camara Municipal de Lisboa com a aprovação do mesmo governo, o que é justo, e conseguido isto, será inaugurada sem demora a construção do edificio.

Este edificio, na sua modestia, será mais uma bella construção com que a nova Lisboa se vae embelesando, e que representa mais um passo dado no levantamento da abatida arte portuguêsa.

A RUA DO OIRO por Alfredo Mesquita

Desta vez não viremos tão tarde como da outra, daquella em que nos referimos ás *Memorias d'um Fura Vidas*, outro livro com que amavelmente Alfredo Mesquita nos brindou, e que só tão tarde aqui o agradecemos.

Tivemos de o lêr, como agora lêmos este, *A Rua do Oiro*, da primeira á ultima pagina, e pena nos pôs não ser mais. Sim, por que os livros de Alfredo Mesquita devoram'ol-os sempre até ao fim; quadram-nos, encontramos-lhe aquella nota viva de seu espirito, de bom humor, de levesa e graça, de profunda filosofia e intensa critica, que não caustica, mas que são picadas de alfinete a quem lhe doer, sem se queixar, para não pôr em si carapuças que ali se fabricam aos centos, como aquellas de que falava Faustino Xavier de Novaes.

São qualidades que admiramos em Alfredo Mesquita como escritor dos mais telentosos e originaes de nossos dias, á parte o grande apreço em que temos seu bello carater, que de ha muito conhecemos e avaliamos seus primores.

Que a sua intransigente modestia se não vá agastar com esta publica confissão do que sentimos e pensamos a seu respeito, mas se a amisade nos move, ella não é tão cega que nos nos deixe vêr a justiça, e só temos pena de ser tão pobre a nossa homenagem, estampando nas paginas do OCCIDENTE o seu retrato fisico, porventura mais prefeito do que o retrato moral, que nem sequer esboçamos em nossas sinceras palavras.

Por virmos um pouco mais cedo nem por isso viremos dar novidade ao leitor sobre o livro *A Rua do Oiro*, que ha um bom par de mêses corre mundo, o mesmo é dizer que estará quasi esgotado nas livrarias, e o leitor já o terá lido.

Não ganharemos alviçaras, paciencia; mas isso não nos desobriga de o agradecermos a Alfredo Mesquita, e disermos o que sobre elle pensamos, no que seremos breve.

A Rua do Oiro não é um titulo indiferente como podia ser *O Chiado*, *A Avenida*, *A Arcada* ou outro qualquer nome de sitio de Lisboa onde a população mais vive, mais se agita e mais se intriga, para designar o logar onde Alfredo Mesquita faz passar a áção do seu livro, que elle classificou de: *Romance Lisboeta*. Romance verdadeiramente original na forma, mas não menos verdadeiro no fundo. Muito humano, e tão realista que os personagens que nêlle figuram são todos nossos conhecidos, encontram'ol-os por essa cidade, nos Cafés, nas Salas, na Arcada, nos Ministerios á porta da Havaneza, passeando pelas ruas, á mesa redonda dos hoteis e quantos a jantar por casas particulares. Uns que são politicos, conselheiros, jornalistas, poetas; outros parasitas, ricassos, peraltas, pretendentes cronicos, etc.

O titulo *A Rua do Oiro* foi propositadamente escolhido como o mais intencional para enquadrar aquella sociedade, onde *nem tudo que luz é oiro*. .

E' no meio desta côrte que vem caír o Joaquim Amaral, heroe do romance, um depotado açóriano, que a despeito dos seus tempos de Coimbra, onde se formou, conserva toda a puresa dos principios patriarcaes do ninho em que nasceu, e vem cheio de confiança em si, na sua sobrecasaca curta e no seu mandato independente e sincero, colaborar na salvação da patria a serio, a valer.

O que então Joaquim Amaral observa no meio d'esta sociedade seria faboloso se não fosse tristemente verdadeiro. Começa o seu trabalho de critica deslisando espirituosamente por umas 300 paginas fóra, em que o romance é apenas um incidente que mal se percebe, e antes avulta a intriga politica, em que se destacam tipos observados e desenhados com flagrante verdade.

Este meio dissolvente se não consegue corromper o Amaral, deita por terra as suas ilusões, e o deputado independente abstem-se de entrar na comedia representativa, e acaba por se render ao amor, casando com Clarinha, unica banalidade — que as meninas da baixa nos perdoem — deste romance originalissimo.

CAETANO ALBERTO.

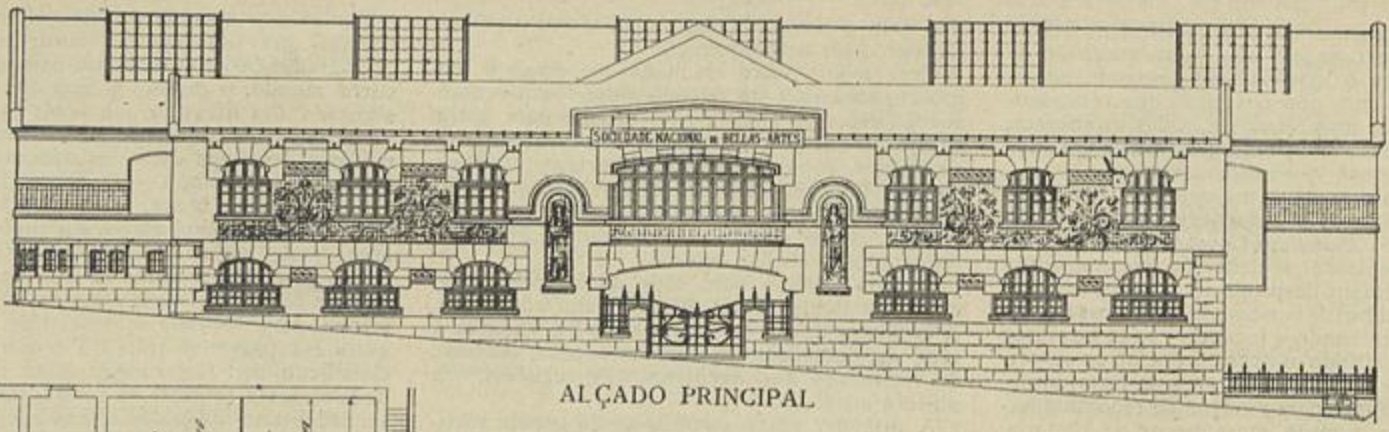
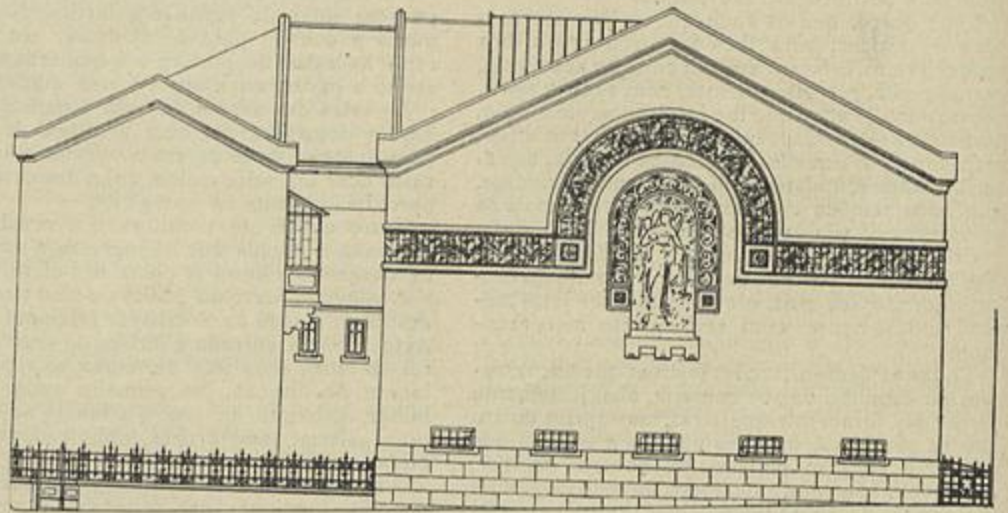
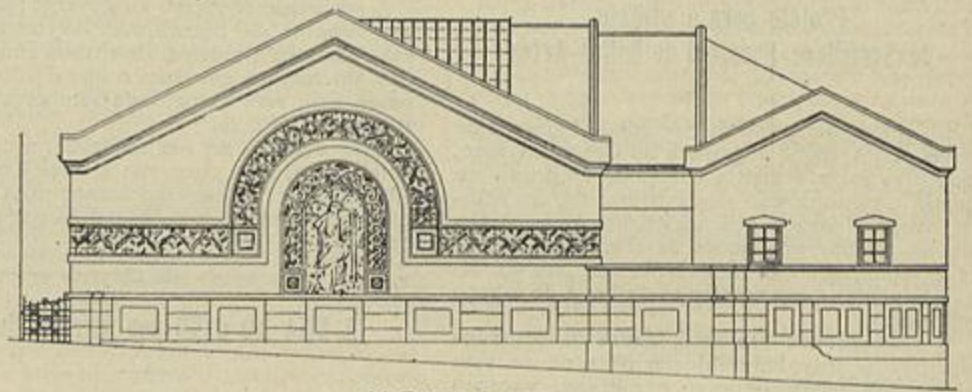
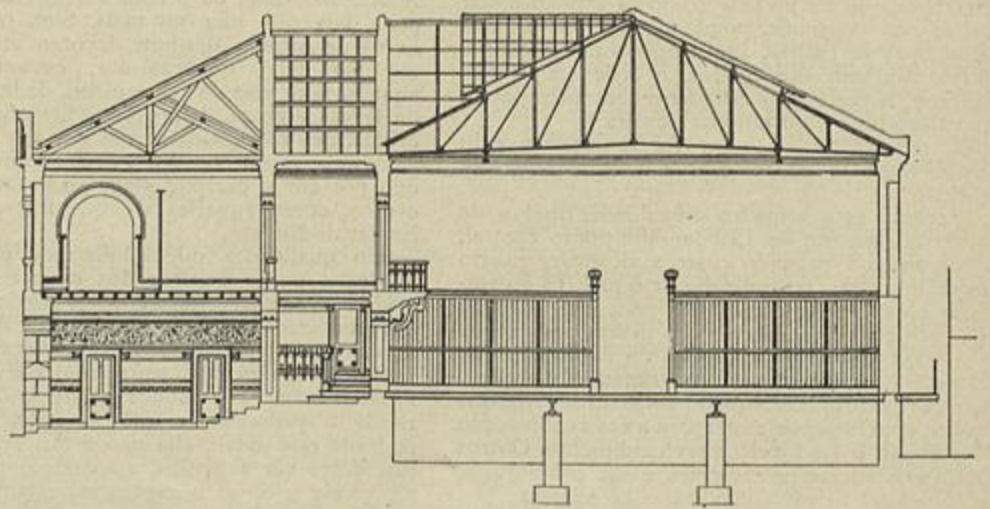
DOLORES

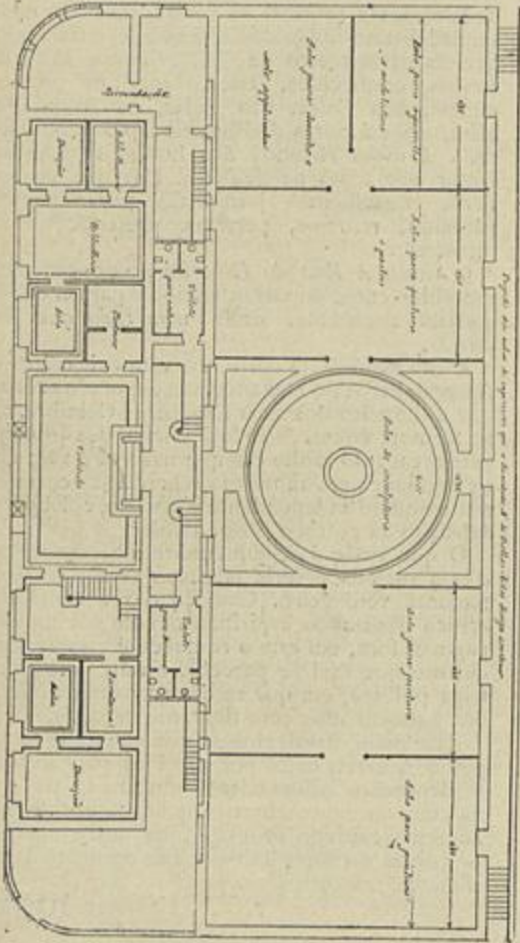
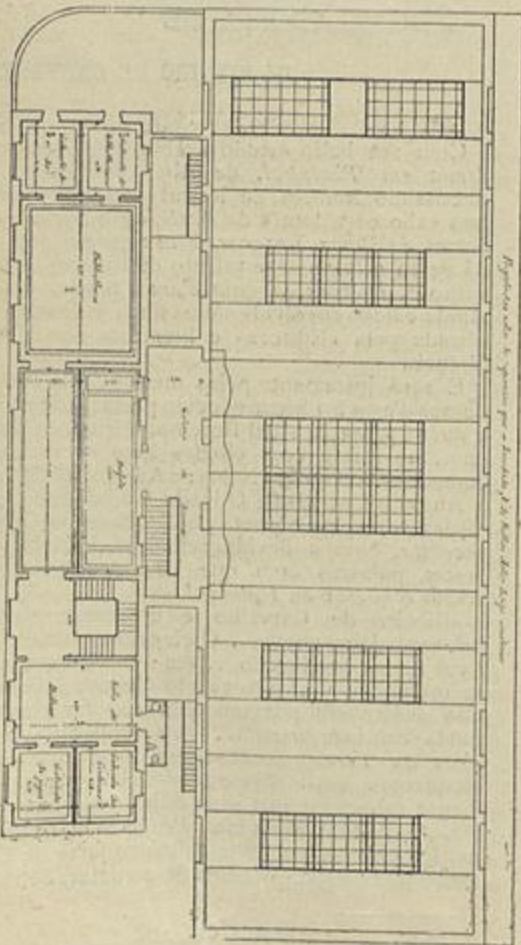
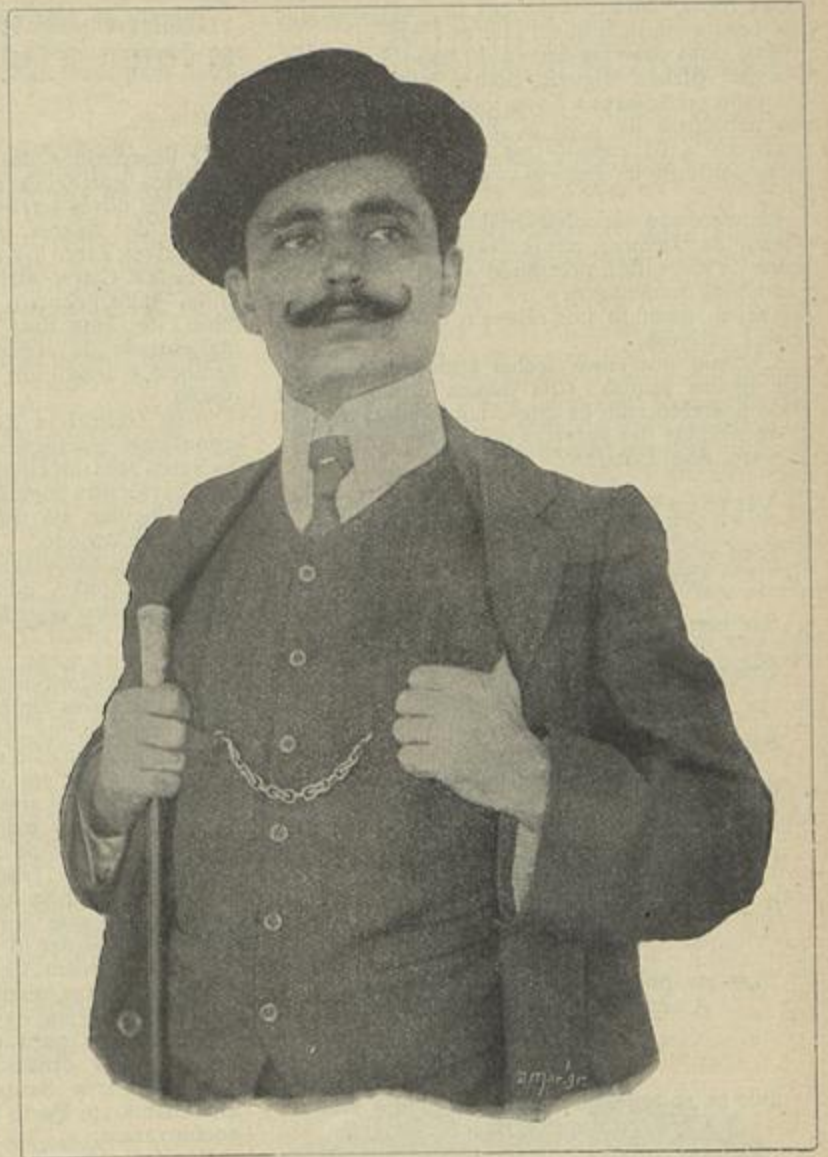
De RIBEIRO DE CARVALHO

Com um bello estudo ácerca d'*A Poesia moderna em Portugal*, de Abel Botelho, o distinctissimo homem de lettras que escreveu os tres valiosos volumes da *Pathologia Social*, *Mulheres da Beira*, *Lazaros*, *Sem remedio*, etc., nos dá agora o fulgurante talento de Ribeiro de Carvalho a *Dolores, agonia d'uma tysica*, em segunda edição envolvida n'uma linda *plaquette*, publicada pela «Editora» e illustrada por Alfredo Migueis.

E será justamente pelos motivos que adeante dâmos d'esse brilhante e lucido prefacio, á soberba e ductil prosa de Abel Botelho, o qual, de passagem, se refere com elogios bem merecidos a Junqueiro, a Antonio Nobre, a Alberto de Oliveira, a Antonio Correia de Oliveira e a Affonso Lopes Vieiaa, o inspirado poeta da *Saudade*, que iremos recortar, com a devida venia, as ligeiras, mas justas, palavras com que elle carinhosamente tracta o auctor da *Dolores!*

«Ribeiro de Carvalho é incontestavelmente um verdadeiro poeta... O elegante poemeto *Dolores* é uma producção... em que vigorosamente se interpreta um dado estado d'alma, e d'um sonho deformado por um delirio se faz uma profunda *realidade humana*... As sentidissimas estrophes da *Terra de Portugal* proclamam, bem eloquentes, qualidades e tendencias apenas vagamente esboçadas nos seus dois livros anteriores (*). As poesias *Para ella*, *Pedro-Sem*, os *Fados*, os *Pescadores* e aquelle delicioso feixe de *Sonetos*, são producções cheias de caracter, delicadas,

(*) *Livro d'um sonhador e Margaritas.*

N. do A. da N.

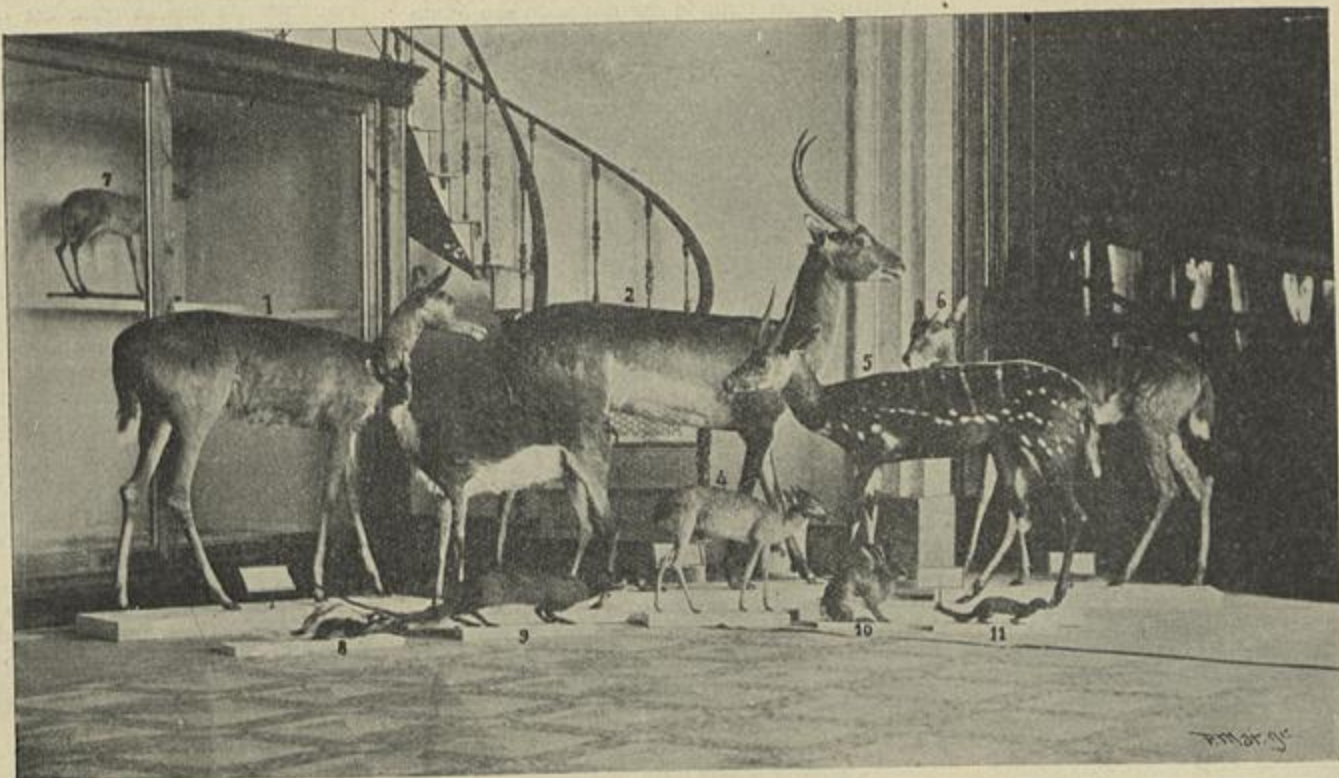
PROJÉTO DE EDIFICIO PARA SÉDE DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES, POR ALVARO MACHADO

Alfredo Mesquita
Autor do livro «Rua do Oiro»

Ribeiro de Carvalho
Autor do livro «Dolores»

subtis, vigorosamente adivinhadas, em cuja sentida trama fumega e palpita uma intuição maravilhosa da alma nacional.

«Este poeta, sim, dá-nos impressões, embalanos ao rythmo transcendente, da emoção, faz-nos sonhar e faz-nos desejar........................

«Indubitavelmente, Ribeiro de Carvalho veio, com Affonso Lopes Vieira, reatar a boa tradição renovadora de Antonio Nobre e Junqueiro, por uma fruste legião de mediocres imitadores deploravelmente interrompida.»

E ficamo-nos por aqui com a transcripção das boas palavras de Abel Botelho, cumprindo-nos dar ao amavel leitor o motivo da transcripção.

Presamo-nos muito — Ribeiro de Carvalho e o autor d'esta ligeira noticia — e d'ahi o não fazermos, por conta propria uma referencia elogiosa

Nomes indigenas — 1 Nuci, femea (gamo) — 2 Munha, macho (gamo) — 3 Songui, macho (gamo) — 4 Cambire (pequenino antilope) — 5 Golungo (gamo) — 6 Nuci, macho novinho (gamo)
7 Bambi (gamo) — 8 Calucandamberi (pequeno gato almiscarado furão) — 9 Onssuque (mustelano) — 10 Candi[illegible]ba (lebre) — 11 Cavivi (mustelano)

Grupo de animaes embalsamados, ultimamente enviados de Africa pelo sr. Theodoro José da Cruz, ao Museu de Historia Natural da Universidade de Coimbra

a esse rapaz, dando logar a que se presumisse que nos cega a amisade que a elle nos liga.

Mais duas palavras ácerca do trabalho illustrativo de Alfredo Migueis. Somos leigos na Arte, comtudo arriscamos a nossa mui humilde opinião; são nebulosas de mais as illustrações, se exceptuarmos a da *capa* — que nos apresenta o aspecto soffrente de *Dolores* — e as de paginas 20 e 40.

Agradecendo reconhecidissimos a gentileza da offerta da *Dolores*, publicamos o retrato de Ribeiro de Carvalho, prestando assim uma sincera e modesta homenagem a um dos Poetas que bem merecem, pedindo nos releve o mal ataviado de nossas palavras.

E, como queremos fechar com chave d'ouro esta ligeira noticia, aqui damos o final d'esse lindo poemeto afim de que o leitor possa avalliar da veracidade das palavras do illustre prefaciador do livro, Abel Botelho:

Vês tu no Ceo, que Deus é meu padrinho!
A festa que lá ha!
E os anjos véem deitar-nos no caminho
Cravos e rosas-chá...

Ser tua, emfim... Mas que alegria louca
Esta ideia me deu!
Une os teus labios bem á minha bôca,
E esse teu peito ao meu!...

Bem me dizia o coração, que o mundo
Em si continha ainda,
Um gôso immenso, encantador, profundo,
Uma doçura infinda...

Cada palavra tua é levesinha
Bem como um sôpro de ar,
E o teu seio macio como a linha
Que a lua anda a fiar...

Traz-me, pois, a ti sempre, sempre unida,
A amar até morrer...

Expirando

Que eu só hoje, que tenho em mim a Vida
Conheço o que é viver...

Como um sorriso de noiva, a luz ainda indecisa da madrugada, vem penetrando, a pouco e pouco, pela janella que deita sôbre os campos, no quarto onde acaba de morrer Dolores... Na claridade baça do Céo ha farrapos de luar desfeito, e nos arômas que evolam das flôres outomnaes, flôres pallidas como tisicos, ha tristezas que lembram saudades de quem se parte da Terra, que recordam almas virgens e desmaios de estrêllas, pelo Azul... E, ao largo, emquanto a alma de Dolores sobe ao Céo — alma branca de pomba e alma triste de Santa — as cotovias, em bandos, pelos soutos, vão cantando alvoradas de amor...

VI-XI-CMVI

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

No Museu de Historia Natural da Universidade de Coimbra

Este importante museu de Historia Natural, foi ultimamente enriquecido com uma coleção de apreciaveis exemplares da classe dos antilopes, gamos, mustelanos e outros da nossa Africa Occidental.

Foi o sr. Theodoro José da Cruz que enviou de Africa para o Museu da Universidade de Coimbra as péles, por elle preparadas, dos animaes, e que foram ali tratadas e armadas pelo preparador do museu, com perfeição, como se póde julgar pela fotografia que reproduzimos neste n.º

E' digno de todo o louvor o sr. Thedoro José da Cruz pela sua valiosa óferta áquelle estabelecimento cientifico do país, e pelas suas explorações naturalistas na Africa Occidental.

O rei D. Pedro V foi, nos tempos modernos, o monarcha português que mais se interessou pelo Museu da Universidade de Coimbra, pois o enriqueceu com valiosas coleções zoologicas, de que citaremos uma valiosa coleção de aves em que avultam algumas especies raras e de grande belesa. Não menos importantes são os exemplares com que enriqueceu a coleção conquiologica em numero de 104 especies, procedentes do Mar Pacifico, do Brazil e algumas das nossas possessões ultramarinas.

Tumulo de João Gonçalves Zarco da Camara no Convento de Santa Clara da Ilha da Madeira

O descobridor do arquipelago da Madeira, o primeiro português que devassou os mares em busca de novas terras, realisando o sonho do solitario de Sagres infante D. Henrique, João Gonçalves Zarco jaz em um tumulo no convento de Santa Clara, mandado construir por um seu filho, onde primeiro fôra a egreja de Nossa Senhora de Cima. Esse tumulo está do lado direito da entrada da segunda porta da egreja, onde é tambem o jazigo dos descendentes d'este illustre varão.

João Gonçalves Zarco é um dos heroes das conquistas portuguêsas de Africa, e em Tanger se bateu com um chefe moiro que havia já vencido dois cavaleiros portuguêses, matando-o em combate singular, do que lhe veiu grande fama de valentia e denodo.

Defendeu valorosamente a costa do Algarve, de que era capitão, dos ataques de Castella, e foi quem primeiro usou da artilheria a bordo das naus.

Mas seu maior feito, aquelle que mais immortalisou seu nome, foram os descobrimentos como navegador português, que primeiro se aventurou aos mares em busca das riquesas de Africa, para lá da Guiné, sonhos doirados do grande Infante, a quem elle se ófereceu para os realisar.

Assim partiu em naus com Tristão Vaz, seu companheiro de armas das guerras de Africa, e se foi por esses mares fóra em busca de novos mundos, no anno de 1418.

O mar, porem, revoltado contra a ousadia dos navegadores, abria seus abismos para tragar as frageis naus que por elle se aventuravam, e fasendo-lhes perder o norte e rumo, em breve se viram os mareantes entre a vida e a morte.

Nessas alturas, quando a procela mais os acossava, perceberam os navegantes que o mar impelia as naus para um pedaço de terra, que negrejava no órisonte, e que para elles seria como a Terra Santa em que se refugiaram. De ahi chamaram Porto Santo á primeira terra que encontraram.

De rija tempera eram esses portuguêses que não se amedrontavam dos perigos, e no anno seguinte voltaram a nova aventura, dirigindo o rumo de suas naus mais para oeste, onde, através de densas brumas, intemeratos seguiram ávante, e se lhes deparou uma nova ilha como uma enorme máta de vigoroso arvoredo, onde sobresaíam gigantescos cedros de entre a copada ramaria de outras arvores. E a esta terra chamaram Madeira.

Destacando-se da enorme máta, largo trato de terra encontraram, como um vasto canteiro povoado de adensados funchus, que encanto era vêr; e ali chamaram Funchal.

Voltando ao reino a dar novas do seu descobrimento, o grande Infante premiou o ousado navegador dando-lhe o titulo de cavaleiro de sua casa e lhe conferiu a jurisdição do Funchal, de fôro e herdade para elle e seus sucessores, e lhe aumentou seu nome com o apelido de Camara, por ser esta a denominação que João Gonçalves Zarco havia dado a um logar da costa mais recondito, onde tinha aportado, e porque nelle muitos lobos vagueavam, lhe chamou Camara de Lobos.

De aqui formou suas armas: em campo negro uma montanha verde e sobre esta um castélo de prata entre dois lobos de oiro.

João Gonçalves Zarco da Camara, se estabeleceu então no Funchal, tendo sua casa numa pequena elevação junto ao mar, e ali sua mulher Constança Roiz e Almeida mandou construir uma capéla dedicada a Santa Catarina, e Albergarias para mulheres.

A povoação da hoje florescente cidade do Funchal foi fundada em 1457, e se povoou, duando Zarco da Camara terrenos para edificar capélas, como a de S. Paulo, que parece ter sido a primeira freguesia da nascente povoação, e junto daquella se construiu o primeiro hospital.

Principiou ali as culturas da cana de assucar e da vinha, com plantas que enviou o Infante D. Henrique, e começou a exploração das ricas madeiras, que eram enviadas para o reino, com as quaes se construiam as naus maiores e caravélas de gavea e castélos de avante.

Por quarenta annos governou João Gonçalves Zarco da Camara a Madeira e sua capitania, e lá morreu tão velho que, diz, Azurara: «se fasia levar ao cólo de homens ao sol onde estava sustentando a velhice, praticando e governando a justiça».

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO I

(Continuado do numero antecedente)

E' vulgar nos seculos XVII e XVIII o accrescentar-se ao apelido o nome do logar, da origem ou da casa-solar da familia.

Os nobiliarios citam os Azevedos da Tapáda e os de S. João de Rei, os Melos de murça e os Melos senhores de Mello.

A estes Soares, conhecidos antes de Francisco Soares pelos *Soares do Tojal*, d'onde era originaria a familia, passaram a chamar os *Soares da Cotovia*, para os distinguir dos *Soares Lagartos*, ramo do mesmo tronco ou dos *Soares de Tangil*, fidalgos de outra estirpe.

Uma alcunha, um cargo inherente á familia, era o suficiente para os linhagistas fazerem novas classificações e separações nos titulos nobiliarchicos. Bastava-lhes mesmo um acontecimento particular que celebrizasse um membro da familia para se dar uma nova separação de ramos dentro da mesma descendencia.

Aos descendentes de Pedro de Melo, que deixou cair o pucaro servindo á mesa de el-Rei D. João 2.º, caso que foi muito comentado, ficaram chamando os *Melos do Pucaro*. Os *Matas do Correio-mór*, os *Matos do Tenente da Guarda*, tiraram os apendices nobiliarchicos dos cargos que exerceram, e os *Oliveiras do Conego Triste*, lembram nas paginas amarelecidas dos *in-fólios* linhajudos, aquelle amante espôso que nunca mais sorriu depois da morte da mulher e que desgostoso da vida tomou ordens, sem que uma só vez lhe transparecesse no rosto, até á hora da sua morte, uma fugitiva alegria.

Perdoe-se-me a divagação.

*

Não me restava pois a minima duvida de que ao filho do Escrivão da Fazenda de el-Rei D. Sebastião chamavam *o da Cotovia*, por viver na quinta da Cotovia. Onde era a quinta e por que se chamava assim é o que vamos agora averiguar.

Em 1573, André Soares e sua mulher Maria Botelha, paes de Manuel Soares e avós de Francisco Soares de Sequeira, instituiram na igreja da Trindade de Lisbôa, em uma capela da invocação de Nossa Senhora da Conceição, um morgado das tenças dos seus bens de raiz (1).

A petição feita a el-Rei tem a data de 28 de Setembro desse anno e o alvará permitindo a instituição do dito morgado a de 3 de Outubro, como consta do Livro 1.º das capelas do convento da Trindade, paginas 311 a 322 (2).

A petição aludida, na parte que interessa o assumpto de que se trata diz o seguinte: *Diz André Soares, fidalgo da vossa casa, escrivão da vossa fazenda e D. Maria Botelha, sua mulher, que elles ambos juntamente tem tomadas as terças dos seus bens de raiz, em seu testamento, em os bens seguintes: nas casas de sua morada que estão junto da Trindade, em duas casas na rua nova dos mercadôres e em uma quinta que tem alem de S. Roque desta cidade com todo o seu assento de casas, pomar e vinha e olivaes, e uma quinta que tem no logar de Aranhó que se chama a quinta do Paço, que está no têrmo d'esta cidade, em um casal que tem no logar da Mangoeira, e nas terras e um olival que se chama o Basto que está no logar do Azambujal e um casal que tem na Besteira, tudo têrmo desta cidade, e dos ditos bens e terça tem feito um morgadio e testamento solemne e deixam ao seu filho primogenito Manuel Soares*, etc.

O resto da petição refere-se ás clausulas havidas para os herdeiros, prevendo todos os casos de falta de sucessão e determinando quaes os directos sucessores a quem deveria competir a administração do morgado.

Como se vê está bem claro e evidente na relação dos bens, que a quinta *para alem de S. Roque* não é mais do que a quinta da Cotovia, onde em 1632 demorava Francisco Soares neto dos instituidores e administrador do morgado.

Quando vi estes documentos fiquei convencido

(1) Cartorio do Convento da Trindade, existente na Torre do Tombo.

(2) Destes mesmos livros consta tambem o testamento do filho primogenito do casal, que então tinha (em 1573), 25 annos, um contrato de outro André Soares, neto do primeiro, com as religiosas do mosteiro, outro de Maria Botelho e outro do conde da Feira.

quasi, de que o nome de Cotovia que o sitio tomára da quinta, ou que esta impozéra aquelle, era posterior ao anno de 1573, em que o morgado se instituira, visto que tendo André Soares um ponto directo de referencia de que usa nas outras propriedades citadas na relação dos bens, determinando a sua situação exata e dando-lhe os seus nomes proprios, ao mencionar esta serviu-se do mosteiro de S. Roque para a determinar ainda relativamente distante.

Parecia portanto ser entre os annos de 1573 e 1632 que se teria originado e vulgarisado a Cotovia.

Outro documento datado de 1618, que encontrei entre os manuscritos da Biblioteca Nacional, fála na quinta de Francisco Soares n'um ponto e na quinta de André Soares n'outro, sem que o sitio da Cotovia appareça mencionado, o que fez no meu espirito arreigar-se a ideia de que só depois daquella data elle se originaria (1).

Mil suposições então formulei a respeito desta origem. Em todos os dicionarios e enciclopedias procurei com afinco, na esperança de achar rasto de uma etimologia. Muito encontrei, é certo, mas tudo com poucas probabilidades de certeza e muita fantasia conjectural.

O grande Larousse, a proposito do termo em questão, cita a famosa *Legião da Cotovia*, hoste composta somente de Gaulêses e que César organisou na Gália Cesalpina, assim chamada para os legionarios usarem no capacete como timbre uma destas aves. O mesmo repete o Dicionario Popular de Pinheiro Chagas (2).

Não acreditei que a aguerrida legião viesse influir no pacato arrabalde lisboeta e fui-me em busca de outra etimologia.

Chamam os francêses *terres à allouete* aos terrenos saibrósos e arenósos, por nelles abundarem estas aves tão cubiçadas pelos discipulos de Santo Huberto. Dar-se-ia entre nós designação similhante aquelles terrenos e seriam arenósas as terras para alem de S. Roque? Perguntei a caçadores o primeiro ponto e fiquei desanimado. Tal coisa ouviam pela primeira vez. Inquiri dos documentos coevos o segundo e sofri nova desilusão.

Em 1618, um padre jesuita da casa do noviciado, escrevendo uma especie de memoria sobre a fundação daquella casa diz: *Neste sitio se fez um fórno de cal que teve mais de seiscentos moios, e se fez outro fórno para cozer tijolo, e leva desoito milheiros e se fez um poço grande que é necessario para as óbras e se compraram quatro bois e um macho para buscar areia, pedra, cal e agua, porque a principal areia vem da nossa quinta de Campolide que he saibro mui fórte e se lhe mistura outra areia mais branda deste sitio e se fez gentil massa, e se abriu uma pedreira no cabo deste sitio que deu pedra de alvenaria, a melhor das que há ao redor de Lisbôa e tem bastante pedra para todo o edificio, porque dantes se comprou uma pedreira a Pedro Correia de Lacerda, por 40:000 réis para tirar peira in perpetuam, de que se fez escritura que anda no Cartorio* (3) *e foi-se tambem a pouco e pouco desfazendo um monte mui grande de muita pedra, areia e barro para tijolo e cal, etc.* (4).

Em vista deste documento tive de abandonar, por impossivel aquella conjectura. Como se vê no sitio não abundava areia, obrigando tal circumstancia os jesuitas á compra de um macho e de uma junta de bois para a trazer doutro local. Posta a hipótese de parte ainda restava outra. Não seria a alcunha de alguma das damas da familia, motivo suficiente para o baptismo da quinta? Esta suposição formulei eu lembrado de que vira algures num poeta seiscentista certo madrigal a uma dama, celebrando a sua voz, que acabava:

Cantaes como Cotovia

Corri toda a minha coleção de poetas e não tornei a achar similhante trova. Estava ainda meditando no caso quando uma noticia, que recebi com o contentamento, que só os que lidam com trabalhos desta natureza podem avaliar, destruiu num apice todo este fragil castello de conjecturas. Foi o seguinte:

O Senhor Jordão de Freitas, intelegentissimo e erudito official da Real Biblioteca da Ajuda, correndo a chronica da Companhia de Jesus do

1) Roteiro da Agua Livre.

2) Volume 4.º Paginas 400.

3) Foi esta pedreira que deu o nome á proxima igreja de S. Sebastião que, de então para cá, se ficou chamando de S. Sebastião da Pedreira. Creio que a noticia é inedita.

4) Livro mss. intitulado: Historia da Fundação, augmento e progresso da Casa de Provação da Companhia de Jesus de Lisboa — Capitulo 8.º — existente na Torre do Tombo — Parece ter sido escrito no anno de 1620 ou 1621.

Padre Balthazár Telles e sabendo com que empenho eu procurava a chave deste enigma, por conversas que anteriormente tinhamos tido, deu-me amavelmente a nota de uma passagem della em que vira uma referencia á Cotovia.

Corri pressurôso a folhear o in-folio e achei, com alvoroços de contentamento, no capitulo XVII a paginas 83 e 84 do 1.º volume, a desejada menção. O chronista, referindo-se á fundação do mosteiro de Santo Antão o velho (1) em 1400, por João de S. Vicente e Lourença Joane, sua mulher, mercadores abastados de Lisbôa e os quaes, conforme a sua fráse pitoresca, queriam ganhar o ceu depois de terem ganho dinheiro, como grandes negociantes que eram, transcreve a escritura de doação que elles fizeram no latim barbaro da época. Foi nesta transcripção que se me deparou a referencia á Cotovia, nos seguintes periodos: *Nos mandamus, atque concedimus corpora nostra dicto ordini de Sancto Antonio: Item mandamus e concedimus, quod im quadam domeo com suo territorio, five prædio, qua nos habemos in vico de corredeira, quaes est inter ambas vias, videlicet quædam via, per quam tenditur ad Bemficam alia per quam tenditur ad Cotaviam construatur quædam Eclesia adijecetur domus, atque mandamus corpora nostra debitum natural persolvere, etc.*

Tanta vez consultei o livro de Balthazar Telles, sem que attendesse em similhante escritura! Quem me diria que na historia da fundação do convento de Santo Antão o velho, acharia tal noticia!

Está bem claro portanto que em 1400 já existia a Cotovia. A escritura é clara e precisa a este respeito, determinando que a herdade cedida para a fundação do convento ficava *entre ambos os caminhos; convem a saber: um caminho por onde se vai para Bemfica e outro por onde se vai para a Cotovia.*

O galacioso chronista da Companhia de Jesus, aclarou completamente as minhas ideias. Abençoado Padre Balthazar Telles!

(Continú).

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

NECROLOGIA

ACTOR FRANCISCO COSTA

A foice devastadora da tenebrosa Parca acaba de attingir mais um artista dramatico. Morreu Francisco Costa, um dos poucos actores conscienciosos que ainda restavam no theatro portuguez. Deu-se o seu passamento n'esta cidade a 8 do corrente mez de novembro e bem doloroso elle foi, pois a doença era das mais terriveis. Caprichos do destino, que, parece, ás vezes se compraz em perseguir os que pela sua bondade e irreprehensivel modo de proceder deveriam ser poupados aos castigos da natureza.

Francisco Costa pertencia a este numero. Era um chefe de familia modelar e um bello caracter.

Nascera na cidade de Castello Branco, a antiga Castraleuca dos Romanos, no dia 19 de julho de 1852, contando portanto 54 annos de edade. Entrou para o theatro em 1871, o mais modestamente possivel, apenas como figurante, mas d'ahi a pouco passava a discipulo, fazendo a sua estreia no drama *Naufragio do brigue Mondego*, representado no demolido theatro da Rua dos Condes. O modo cuidadoso porque executava as indicações do ensaiador, a consciencia com que estudava os papeis, e a correção que imprimia ao seu trato com os collegas, fizeram d'elle, dentro em pouco, um artista querido.

Esteve escripturado em quasi todos os theatros de Lisboa e por varias vezes foi ao Brazil, levando á sua conta os principaes papeis do reportorio das companhias excursionistas.

O periodo mais brilhante da sua carreira foi por certo aquelle em que esteve no theatro do Principe Real, salientando-se ao lado de Alvaro, Polla, Pereira, João Gil, Brandão, Margarida (a loura), Amelia Vieira, Adelina Abranches etc. O

1) Nesse sitio é hoje o convento da Anunciada, pois que os Jesuitas trocaram o colegio de Santo Antão pelo do Castello, indo depois para ali as freiras, que deram nome ao largo ao passo que os Jesuitas deixaram o nome do Colegio ás portas, ainda hoje chamadas de S.to Antão.

genero que mais se coadunava com o seu feitio artistico era o dramatico, tendo trabalhos notaveis, como a sua ultima creação, — o soldado Brisquet dos *Dois Garotos*, em que era admiravel na scena da morte.

O bemquisto emprezario Affonso Taveira do theatro da Trindade, apesar de explorar só a operetta e peças correlativas, tinha ha uns poucos de annos Francisco Costa no seu elenco e nunca d'isso se arrependeu.

Quando apparecia papel de dificil execução, alguma bota custosa de descalçar, como vulgarmente se diz, era sempre o fallecido actor o interprete escolhido.

Ás vezes havia necessidade de se fazer *reprise* d'uma peça de exito seguro, que tinha uma personagem que déra ensejo a uma creação soberba por parte d'um artista de mérito. Esse actor, porém, não pertencia á companhia do theatro e era preciso ser substituido; pensava-se logo no Costa, e eil-o encarregado do papel, de que não podia esquivar-se pois era preciso salvar a empreza d'um apuro. E nunca a comprometteu, nem a si proprio. Antes bem pelo contrario sempre se fez applaudir pela forma como se encarnava nas figuras que se via forçado a representar, algumas bem avessas ao seu temperamento.

No Passepartout da *Volta ao mundo*; no sultão das *Mil e uma noites*; no seu Eusebio da *Capital*

FRANCISCO COSTA

Federal; no general do *Rei Damnado*; no Gaspar dos *Sinos de Corneville* e n'outras substituições que fez, demonstrou o seu muito merecimento.

E seria lacuna imperdoavel não registar o desempenho do Paillardin do *Hotel do Livre Cambio*, principalmente pela maneira porque fazia o 2.º acto.

Muitas vezes exerceu o cargo de director de scena, para o que era competentissimo, não só pelo seu *savoir faire* profissional, como tambem pela seriedade de que era dotado.

A morte de Francisco Costa, foi muito sentida por todos que o conheciam. Deixa viuva — a estimada actriz Elvira Antunes Costa — e tres filhas que eram os seus encantos.

PEDRO PINTO.

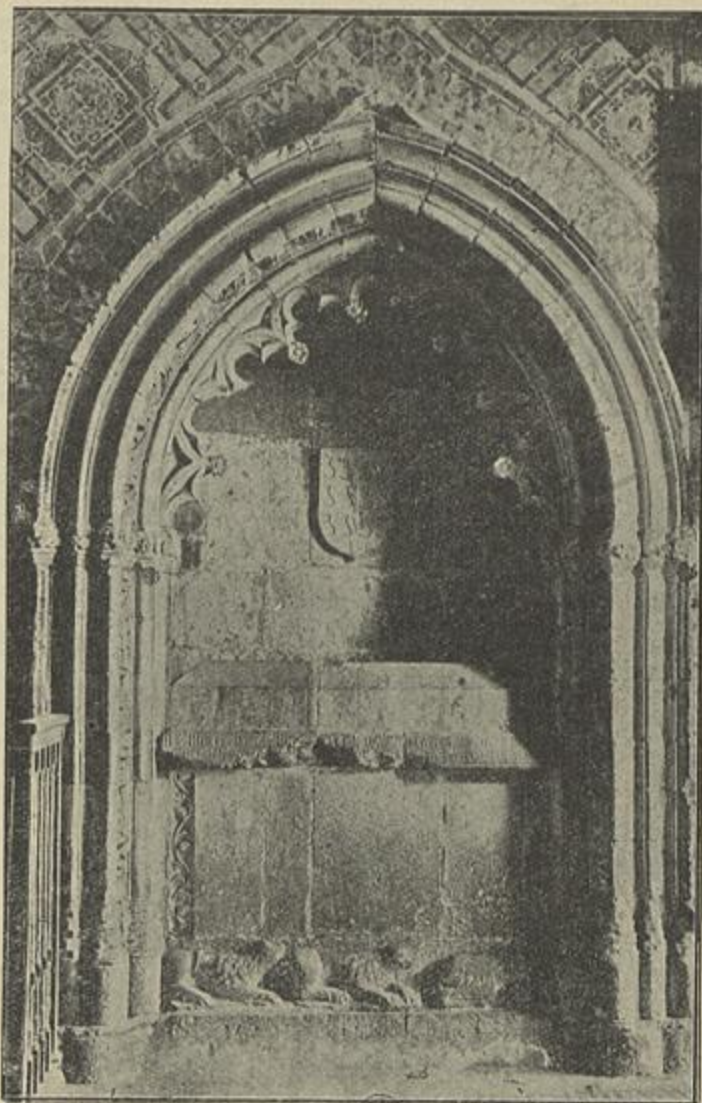
Recebemos e agradecemos:

Marcenaria 1.º de Dezembro *(Fabrica de moveis) Reis Collares & C.ta, Rua da Rosa, 168, Lisboa, telephone 883. Manufactura especial de moveis em todos os generos. Lisboa, etc.* Catalogo contendo 196 modelos de moveis em todos os ge-

neros e de diversos estilos, pelo que se faz boa ideia do desenvolvimento desta grande marcenaria, uma das primeiras do nosso pais, profecientemente dirigida por seus proprietarios, artistas de reconhecido merecimento no seu genero, e competindo vantajosamente com a industria estrangeira, tanto em moveis de uso vulgar, como em mobiliario artistico.

Raposodia sobre os pregões de Lisboa, *para piano, por Joaquim Fernandes Fão, Livraria Avellar Machado, 19, rua do Poço dos Negros, Lisboa.* Uma das originalidades de Lisboa é a variedade dos pregões que os vendedores ambulantes cantam pelas ruas, ora em notas alegres, ora em notas sentimentaes, que não passam despercebidas oa ouvido menos apurado. São esses pregões que o sr. Joaquim Fernandes Fão escolheu e ligou em musica, fazendo uma raposodia lisboeta bem nacional e carateristica.

Almanach de Santo Antonio, *illustrado, para o anno de 1907, Redacção da Voz de Santo Antonio, Braga.* Um Vol. de cerca de 400 pag. in-8.º, com bonitas gravuras e interessante colaboração literaria.

Pro Descanço, *numero unico publicado pela* **União dos Empregados de Commercio do Porto,** *commemorativo do 9.º anniversario do encerramento convencional dos estabelecimentos commerciaes ao domingo, Porto, 26 de Setembro de 1906.* Este numero unico de variada colaboração literaria, visa principalmente a demonstrar a necessidade e ao mesmo tempo a justiça, do descanço dominical, necessidade e justiça que está prevista e até ordenada nos mandamentos da lei divina cristan, cuja falta de observancia, leva as classes trabalhadoras a pedir ás leis dos homens que lhe garantam esse descanço.

Tumulo de João Gonçalves Zarco da Camara no convento de Santa Clara, da Ilha da Madeira

Os judeus, por exemplo, não precisam das leis civis para guardarem o 7.º dia, basta-lhe a sua lei religiosa para observarem esse preceito salutar, e como estes podem-se citar os inglezes e outros povos, onde esse preceito é rigorosamente acatado.

Disto se conclue que os catolicos são os que menos consideram e acatam os preceitos da sua lei religiosa, chegando a pontos de parecer até ignoral-a, tal é o abuso em que tem caído.

Se todos se compenetrassem desta verdade; se todos se desprendessem de um bocadinho de ambição e de egoismo; se todos se amassem com aquelle amor que manda o Envagelho, o mal estava sanado por sua naturesa, e não seria preciso tamanha luta como a que vem travada já de annos, para realisar esta justa e humanitaria aspiração dos que trabalham sem descanço.

Não seria necessario representações, protestos, projétos de lei, relatorios historiados, opiniões destes e daquelles, deitar a livraria abaixo, evocar a higiene, a familia, os direitos humanos, andar a mendigar leis ao Estado, quando essa lei está feita desde o principio do mundo, como a mais sabia prescrição do direito das gentes, do codigo da humanidade.

Como se revela a desorientação, se duvidas houvesse da sua existencia na sociedade do nosso tempo, e como se reconhece que não ha leis justas que não se baseem na san moral divina.

Sabemos perfeitamente quantos interesses se debatem nesta questão do descanço dominical, como sabemos quanto egoismo elles envolvem; mas não póde haver interesses respeitaveis, atendiveis, quando para subsestirem exijam que o homem seja um escravo, peior do que isso uma maquina.

Somos pelo descanço do setimo dia e por isso nos alargámos néstas considerações ao termos que apreciar o *Pro Descanço,* justa e simpatica manifestação em pról das classes trabalhadoras.